

VISIBILIDADE A PARTIR DE PRÁTICAS COLABORATIVAS: fluxos locais e globais no perfil da União Nacional dos Estudantes no Instagram¹

Ana Lidia Resende Paula
Kérley Winques
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar características na transformação de fluxos locais e regionais em nacionais, por meio da participação de atores nas plataformas digitais. Este fenômeno decorre da apropriação de ferramentas digitais por indivíduos, que, motivados por objetivos comuns, contribuem para a criação de um perfil colaborativo, ampliando engajamento e visibilidade. Utilizando como metodologia a Análise da Materialidade Audiovisual, analisamos 210 vídeos com marcas de geolocalização publicados no Instagram da União Nacional dos Estudantes (UNE) entre setembro de 2022 e abril de 2023. Os resultados apontam para a hibridização de fluxos do local ao global.

PALAVRAS-CHAVE Plataformas Digitais; Instagram; Fluxos regionais; Territorialidades; Colaboração.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa de que forma conteúdos com características locais ou regionais podem transcender suas fronteiras originais e alcançar uma audiência nacional através das plataformas digitais, que estão cada vez mais penetradas no cotidiano dos cidadãos (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020). No entanto, torna-se fundamental entender que somente a veiculação de um conteúdo em uma plataforma de mídia social não é suficiente para a ampliação de seu alcance, visto se tratar de um espaço mediado por dimensões algorítmicas que performam noções assimétricas de poder (Winques, 2024). Porém, mesmo diante desse cenário, é possível falar sobre cultura participativa (Shirky, 2010), sociedade em rede (Castells, 2013) e ciberdemocracia (Lévy, 2003). Neste caso, destacamos a necessidade de olhar para essas teorias sob um viés não-romântico, levando em conta suas expressões e expropriações, continuidades e mudanças, potencialidades e limites (Grohmann, 2018). Dito isso, pretendemos estabelecer um diálogo sobre a relevância das plataformas digitais como espaços de engajamento cívico, participação e colaboração. Além disso, nossa pesquisa se posiciona no contexto de resistência às métricas, aos dados e às características restritivas das próprias plataformas digitais.

¹ Trabalho apresentado no GT3 – REDES SOCIAIS E ATIVISMO MIDIÁTICO da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

2 METODOLOGIA

Para compreender os elementos textuais e paratextuais do conteúdo analisado, utilizamos a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016) para examinar 210 vídeos publicados no perfil da União Nacional dos Estudantes (UNE) no Instagram entre 30 de setembro de 2022 e 19 de abril de 2023. Esse método possibilita que seja feita uma “entrevista do objeto”, que se desenvolve a partir de pesquisa de referencial teórico e de uma observação detalhada do objeto. Com o intuito de verificar marcas regionais no perfil da UNE, listamos as seguintes questões em nossa ficha de análise: Quais as temáticas trabalhadas nos conteúdos veiculados? Como é trabalhada a indicação de localização? Como os fluxos locais/regionais aparecem? No aspecto de regionalização, quais regiões brasileiras possuem mais conteúdo na rede?

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos algumas características da relação entre sujeitos e plataformas de mídia social em relação aos aspectos de regionalização. Entende-se que as plataformas podem, ao mesmo tempo, ecoar vozes locais e ainda trazê-las como parte da construção narrativa de globalidade, que contribui para a legitimação de determinado movimento. Nosso estudo é construído na interface entre os estudos de movimentos sociais e comunicação alternativa (Gohn, 2011; Paiva, 2012; Castells, 2013) e os estudos críticos de plataformas (D’Andréa, 2020; Milan e Treré, 2022; Winques, 2024).

Para Canclini (1997), a mobilização social fragmenta-se em processos cada vez mais difíceis de totalizar, requerendo uma reorganização do espaço público, o que, por vezes, amplia as dimensões híbridas do habitar. Dessa forma, divididos entre território e digital, local e global, os movimentos vão se constituindo de forma cada vez mais híbrida e ubíqua. Fontes (2013), ao tencionar a relação entre comunidade e sociedade, observa que os fluxos de legitimação incorporam novos participantes ou expandem os espaços de debate, alterando inclusive a complexa relação entre sociedade civil, Estado e esfera pública, influenciada pela internet.

Os movimentos sociais constroem-se sob espaços físicos e digitais, dimensões locais e globais e em relações comunitárias e sociais. Além disso, operam em um cenário territorial híbrido e interagem com materialidades e algoritmos nas plataformas digitais, gerando, acumulando e compartilhando dados sobre suas experiências. Assim, faz-se necessário pensar a noção de “movimentos dataficados” (Milan e Beraldo, 2024) em uma abordagem que abarque a condição estrutural da política na era da dataficação e explore os efeitos sócio-técnicos dos dados e suas infraestruturas nas dinâmicas dos movimentos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as dimensões territoriais expostas no perfil @uneoficial no Instagram. Partimos do pressuposto de que a transição de pautas do âmbito local/regional para o nacional é mediada por noções de engajamento coletivo e práticas colaborativas. Além disso, consideramos as *affordances*, definidas como as possibilidades de ação entre o usuário e as ferramentas materiais disponíveis nas plataformas (D'Andrea, 2020). Em boa parte das vezes, os conteúdos são gerados por cidadãos comuns em suas respectivas universidades, cidades e estados e, posteriormente, disseminados no perfil nacional de mobilização estudantil.

Inicialmente, acreditávamos em uma “regionalização” dos fluxos, que seria evidenciada pela demarcação de localização. Para testar essa hipótese, analisamos 210 vídeos. No entanto, somente 76 apresentaram alguma indicação de localização. O número baixo sugere que a estratégia adotada pode ser oposta: unificar as narrativas, independentemente do local, promovendo maior representatividade no agendamento dos estudantes brasileiros.

O indicativo de localização ocorreu de três formas: pelas legendas dos vídeos, pela fala dos personagens ou pela utilização da ferramenta de geolocalização do Instagram. Ao examinar a regionalização, categorizamos os conteúdos conforme as regiões brasileiras. Encontramos: 45 (Sudeste), 11 (Nordeste), 8 (Centro-Oeste), 7 (Sul), 4 (Norte) e apenas 1 (Exterior), indicando uma predominância de produções na região Sudeste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados sugerem que as dimensões entre local e global acontecem de forma híbrida. De um lado, existe o surgimento de narrativas locais em perfis de abrangência nacional, do outro, percebe-se que as noções de globalidade são características que fortalecem os movimentos sociais. Os resultados também revelam o poder dos cidadãos na criação de conteúdos significativos, que, quando veiculados em um perfil nacional, contribuem para o diálogo e a visibilidade de questões regionais. Isso demonstra o potencial das plataformas de mídia social para a mobilização e a formação de comunidades. Apontamos que o colaborativismo, quando cidadãos colaboram com determinado movimento ou ação coletiva, é fundamental para a expansão dos fluxos territoriais.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: USP, 2016.

D'ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

FONTES, B. **Redes sociais e poder local**. Recife: DUFPE, 2013.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.

GROHMANN, R. A noção de engajamento: sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 25, n. 3, 2018.

LEVY, P. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MILAN, S.; BERALDO, D. Data in movement: the social movement society in the age of datafication. **Social Movement Studies**, v. 23, n. 3, 2024.

MILAN, S.; TRERÉ, E. Big Data a Partir do Sul/ dos Suis: uma matriz analítica para investigar dados nas margens. **Fronteiras**, v. 24, n. 3, 2022.

PAIVA, R. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. **Matrizes**, v. 6, n. 1, 2012.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, 2020.

SHIRKY, C. **A Cultura da Participação**: Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar. 2010

WINQUES, K. **Mediações Algorítmicas**: Articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais. Florianópolis: Insular. 2024